

FONTES DE INFORMAÇÃO E DE OBTENÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS

Aldo Matos¹; Noemi Nayara dos Santos²; Carolina Etsuco de Faria²; Aline Arantes Lima³;
Sofia Barcelo Oliveira³

¹Mestre, UNIUBE, Uberaba, Minas Gerais

²Estudante, UNIUBE, Uberaba, Minas Gerais

³Graduação, UNIUBE, Uberaba, Minas Gerais

DOI: 10.47094/IICOLUBRAIS2022/59

PALAVRAS-CHAVE: Plantas medicinais. Fitoterapia. Medicina tradicional.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde coletiva

INTRODUÇÃO

Em 3 de maio de 2006, pela portaria N° 971 do Ministério da Saúde, foi aprovada a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS). Com isso o governo tentou inserir nas comunidades maneiras de prevenir e tratar estados biopsicossociais, de modo a aumentar usuários do SUS, sendo a fitoterapia, uma das práticas aplicadas (LIMA – SARAIVA, et al., 2015). Especificamente no que se refere às plantas medicinais, a grande extensão territorial do país, sua grande biodiversidade e o conhecimento sobre estas plantas, oriundas de três matrizes étnicas formadoras da sociedade brasileira (indígena, africana e europeia), além da riqueza cultural, contrapõem-se à pouca disponibilidade do setor primário da saúde a aderir à fitoterapia (ANTONIO, et al., 2014).

Ademais, para MENGUE, et al. (2001), o conceito de “natural” aumentou o uso das plantas medicinais nas últimas décadas, ainda que fora do contexto do sistema de saúde. Estes mesmos autores, ao considerarem o cenário atual, apontam ser necessário rever como as espécies medicinais são cultivadas ou obtidas pois, como exemplo, as plantas colhidas em estradas apresentam em sua composição substâncias químicas derivadas da queima do petróleo pelos automóveis. Ainda alertam que o armazenamento dos espécimes coletados é outra questão de importância, porque tais plantas devem ser armazenadas em locais secos e ventilados, a fim de evitar a proliferação de fungos e/ou bactérias.

Segundo Mengue et al (2001), para garantir a qualidade do produto destinado ao tratamento de diferentes adoecimentos, o mercado farmacêutico passou a disponibilizar os fitoterápicos. Estes são produtos com o composto ativo da planta e têm eficácia e riscos avaliados e conhecidos, bem como sua produção deve seguir parâmetros de qualidade e estabilidade (BRASIL, 2000).

Considerando este contexto, buscou-se identificar as fontes de informações e também as fontes dos obtenção de espécimes em um grupo de colaboradores da Universidade de Uberaba (UNIUBE).

METODOLOGIA

Realizou-se um estudo transversal, descritivo e exploratório, de aspecto quantitativo, incluíram-se no estudo os indivíduos maiores de 18 anos, com vínculo empregatício como parte das equipes de zeladoria ou de jardinagem da UNIUBE, excluindo-se aqueles que, a qualquer momento, decidiram não participar do estudo.

A 154 indivíduos, randomizados de um universo de 247 (IC=95%, erro 5%), foi aplicado um instrumento de coleta de dados, previamente testado em amostra independente, cujos dados coletados referem-se a um estudo mais abrangente. O instrumento de coleta de dados, composto por perguntas de múltipla escolha, algumas com opções complementares em aberto, foi estruturado em duas sessões. A primeira sessão aborda os dados sociodemográficos: sexo, idade e escolaridade. A segunda é referente à caracterização do uso de plantas medicinais, utilizando-se para o objetivo específico desse trabalho, as respostas obtidas quanto a fonte de informação e fonte de obtenção das plantas.

A coleta de dados ocorreu no período de agosto de 2020 a janeiro de 2022. Os indivíduos foram abordados pelos pesquisadores em seu ambiente e horário de trabalho. Antes da aplicação do instrumento, os sujeitos foram esclarecidos sobre a pesquisa e sobre suas garantias éticas, coletando-se sua assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os dados coletados foram armazenados em planilhas do Excel, sendo as entradas duplamente checadas. Essa investigação foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos da Universidade de Uberaba (CAAE: 32073320.8.0000.5145).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 154 zeladores e jardineiros, sendo 112 (72.73%) do sexo feminino. A idade variou de 18 a 74 anos, com média 43.12 anos, mediana 44, primeiro quartil 34 anos e terceiro quartil em 52. A escolaridade variou de ensino fundamental incompleto a ensino médio completo. Do total, 132 (85.71%) declararam utilizar plantas medicinais.

Como fontes de informação sobre as plantas medicinais, foram apontados com maior frequência os familiares, especialmente as mulheres da família- mãe (73,48%), avó (37,12%). Chama a atenção que 37,12% dos colaboradores que usam plantas medicinais buscam informação na internet. Em contrapartida, encontrou-se baixa frequência do médico (3,03%) e do farmacêutico (1,51%) como fontes de informação. Em pesquisa realizada por RODRIGUES e MELLO (2021), foram entrevistados 167 usuários de uma UBS na entrada da farmácia da instituição, sendo que, 50 sinalizaram utilizar plantas para fins medicinais, entre esta parcela da amostra 70% eram mulheres e 30% homens. Quanto a procura por informações sobre o assunto, 36% receberam indicação médica, contrastando com os resultados da presente pesquisa (3,03%). Além disso, 36% receberam indicação familiar e a internet compreendeu 12%, como procura para indicação de uso. Inicialmente estes dados contrastam com os nossos, o que se refere à indicação médica, porque estes autores realizaram sua pesquisa em uma UBS que é referência no uso de fitoterápicos. Ainda assim, também encontraram frequência importante de indicação por familiares e da internet como fonte de informação. No entanto, quando os entrevistados por RODRIGUES E MELLO (2021) foram questionados se receberam indicação de mais alguma

pessoa, 32 pessoas afirmaram que sim, e ao serem questionados quem seria a pessoa, o número de indicações por familiares aumentou para 65,7% e a indicação médica diminuiu para 15,6%, sendo mais semelhante à presente pesquisa. A pergunta se repetiu mais uma vez e a indicação médica foi nula, sendo que, a indicação familiar aumentou para 91,7%.

Badke *et al.* (2016), constataram que a indicação para o uso de plantas medicinais dá-se no meio familiar, confirmando os resultados obtidos pela pesquisa, além disso, destacou-se a figura da mulher (mãe e avó) no incentivo ao uso e na transmissão de saber. O mesmo estudo, ressalta a importância do enfermeiro conhecer e auxiliar a comunidade a qual está inserido, como meio de interferir nas escolhas dos pacientes. Além disso, segundo Xavier *et al.* (2020), as mulheres atuam em diversas áreas e possuem diversidade de conhecimento sobre as plantas medicinais e fitoterápicos, fazendo a indicação terapêutica quando alguém da comunidade necessita de tal cuidado. E este conhecimento é transmitido a outras mulheres.

Somado isto, Moreira, Medeiros e Miranda (2019) elaboraram o “Guia Prático de Plantas Medicinais para Mulheres” no qual buscaram sistematizar as plantas medicinais mais utilizadas por mulheres auxiliadas pela Atenção Básica do município de Bom Jesus-PI, e criaram um material baseado em evidências para este público. A iniciativa desses autores evidencia a importância da mulher na aquisição de informações e perpetuação da prática do uso de plantas medicinais.

Assim, a importância da figura feminina faz-se não apenas nos resultados obtidos na presente pesquisa, como também em outras pesquisas e levantamentos de dados, bem como em sistematização de informações para mulheres, no que concerne ao cuidado de sua família, de maneira segura e informativa.

Quanto aos locais de obtenção, 84,84% dos colaboradores que usam plantas medicinais, indicaram o cultivo doméstico, com baixa referência à Drogaria/Farmácia (15,15%) ou Ervanaria (17,42%).

No que concerne ao grande número de cultivo doméstico, SILVA (2016) discorre sobre as dificuldades de cultivo e aplicação pela Estratégia de Saúde da Família (ESF). Neste sentido, o cultivo das plantas em locais apropriados e sua indicação por profissionais formados na área permanece sem aplicação.

No contexto das dificuldades para a implantação e sustentação das diferentes PICs, a fitoterapia sofre com a carência de prescritores qualificados e de profissionais capacitados para assumirem as Farmácias Vivas, seja na dispensação ou na produção dos fitoterápico e plantas medicinais. Sofre também com o pouco conhecimento das comunidades sobre a oferta das PICs em geral pelo Sistema Único de Saúde.

CONCLUSÕES

Encontrou-se uma alta frequência de utilização de plantas medicinais no grupo populacional investigado. Quase na sua totalidade, essa prática ocorreu fora do contexto do serviço de saúde. Foi evidenciado que as principais fontes de informações são informais e ligadas às figuras femininas, muitas vezes sem embasamento científico, submetendo os usuários a possíveis riscos que as plantas oferecem. Além disso, sendo a principal fonte de obtenção o cultivo doméstico, os usuários são

expostos a fatores externos que poderiam ser controlados, caso as plantas fossem cultivadas em local apropriado, por profissionais capacitados. Estes resultados sinalizam a necessidade de um trabalho colaborativo entre a academia e aqueles que usam ou indicam informalmente as plantas medicinais, para fortalecer os benefícios e minimizar os riscos dessa prática.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, Gisele Damian, TESSER, Charles Dalcanale e MORETTI-PIRES, Rodrigo Otavio. Phytotherapy In Primary Health Care. **Revista de Saúde Pública**, Florianópolis, v. 48, n. 3, p. 541-553, 2014.

BADKE, Marcio Rossato; SOMAVILLA, Caterine Angélica; HEISLER, Elisa Vanessa; ANDRADE, Andressa de; BUDÓ, Maria de Lourdes Denardin; GARLET, Tânea Maria Bisognin. Saber Popular: uso de plantas medicinais como forma terapêutica no cuidado à saúde. **Revista de enfermagem UFSM**, v. 6, n. 2, p. 225-234, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 17, 24.02.2000. Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos. Diário Oficial da União, 25.02.2000.

MENGUE, S.S; MENTZ, L. A.; SCHENKEL, E. P. Uso De Plantas Mediciniais Na Gravidez. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 1, p. 21-35, 2001.

MOREIRA, Kellyane Folha Gois; MEDEIROS, Lis Cardoso Marinho; MIRANDA, Rodrigo Gondim. **Guia Prático de Plantas Mediciniais Para Mulheres**, Teresina, 2019.

RODRIGUES, Monique de Lima Fonseca; MELLO, Marcia Gomide da Silva. Razões da Escolha de Fitoterapia por Usuários da Atenção Primária no Município do Rio de Janeiro. **Revista APS**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 763-779, 2021.

SARAIVA, Sarah Raquel Gomes Lima et al. A Implantação Do Programa De Plantas Mediciniais E Fitoterápicos No Sistema Público De Saúde No Brasil: Uma Revisão De Literatura. **Revista Interdisciplinar de Pesquisa e Inovação**, Pernambuco, v. 1, n. 1, p. 1-11, nov/2015.

SILVA, Rosa de Cássia Miguelino. **Relações Produtoras Do Cuidado Em Práticas Com Plantas Mediciniais Na Estratégia De Saúde Da Família Em Juazeiro – Bahia. – BA. 2016. Dissertação (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2016.**

XAVIER, Reinato Andrade Tembo; LIMA, Renato Abreu. O papel das mulheres na construção do

conhecimento em Etnobotânica na região norte: uma revisão integrativa. **Conhecimento e Diversidade**, Niterói, v. 12, n. 27, p. 51-63, maio/ago 2020.